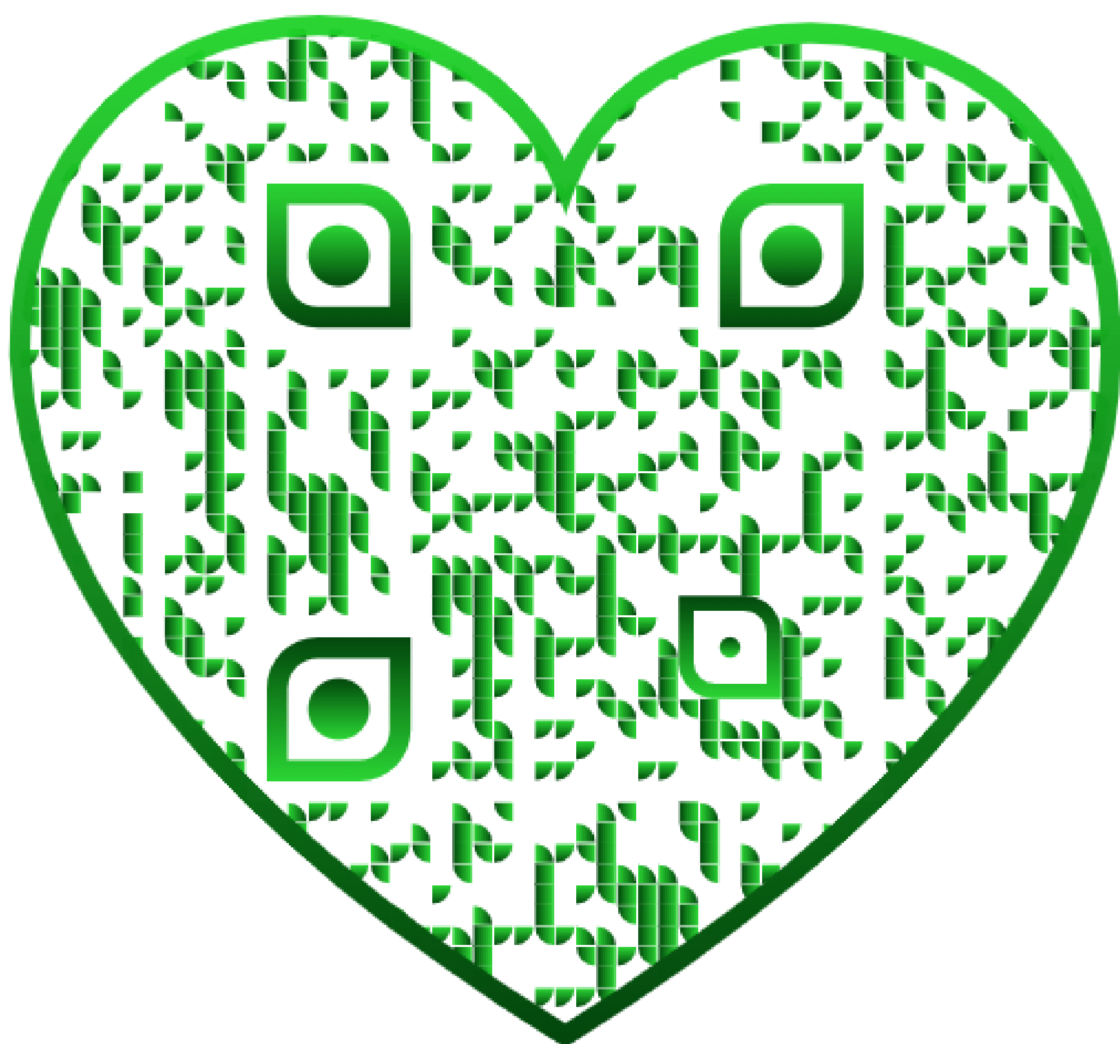
VICTORIA AVEYARD

COROA CRUEL

CONTOS DA SÉRIE *A RAINHA VERMELHA*

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras



Copyright © 2015 by Victoria Aveyard
Mapa © 2015 by Victoria Aveyard. Ilustrado por Amanda Persky.
Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Cruel Crown

CAPA Sarah Nichole Kaufman

ARTE DE CAPA © 2016 by John Dismukes

PREPARAÇÃO Gabriela Ubrig Tonelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aveyard, Victoria
Coroa cruel / Victoria Aveyard ; tradução Cristian Clemente. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: Cruel Crown.
ISBN 978-85-65765-92-3

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

15-10551 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

SUMÁRIO

Canção da rainha
7

Cicatrizes de aço
65

Trecho de *Espada de vidro*
165

Mapa
228

Agradecimentos
229

CANÇÃO
DA RAINHA

Como sempre, Julian deu um livro a ela.

Igual ao ano anterior, e a um ano antes, e a toda festa ou ocasião especial que ele podia encontrar entre os aniversários da irmã. Ela tinha prateleiras cheias dos supostos presentes dele. Alguns dados de coração, outros apenas para liberar espaço na biblioteca que ele chamava de quarto, onde altas pilhas de livros se amontoavam de maneira tão precária que até os gatos tinham dificuldade para se orientar naquele labirinto. Os temas eram variados, desde aventuras dos desbravadores de Prairie até antologias de poemas entediantes sobre a corte real insípida que ambos tentavam evitar. *Mais combustível para a fogueira*, Coriane sempre dizia quando ele lhe entregava outra obra sem graça. Certa vez, no aniversário de doze anos da irmã, Julian deu a ela um texto antigo escrito num idioma que ela não sabia ler — e ele provavelmente só fingia compreender.

Apesar de não gostar da maioria das histórias do irmão, ela guardava a crescente coleção em prateleiras limpas, em ordem alfabética rigorosa, com as lombadas de couro voltadas para fora a fim de exibir os títulos. Quase nenhum seria tocado, aberto, lido — uma tragédia que nem Julian era capaz de encontrar palavras para lamentar. Não existe nada tão horrível quanto uma história não contada. Mas Coriane guardava os livros mesmo assim, bem espanados, limpos, com as letras douradas brilhando sob a claridade

turva do verão ou sob a luz cinzenta do inverno. Todos vinham com "De: Julian" rabiscado na primeira página, e era isso que ela mais valorizava. Só os verdadeiros presentes dele conseguiam ser mais amados: os guias e manuais encapados em plástico, inseridos entre as páginas de uma enciclopédia ou de um livro de genealogia. Alguns ganhavam a honra de ficar enfiados debaixo do colchão, de onde eram arrancados à noite para que ela pudesse devorar os esquemas técnicos e os estudos sobre maquinário. Como construir, destruir e conservar motores de veículos, jatos, telégrafos e até mesmo lâmpadas e fogões de cozinha.

O pai dela não aprovava, como sempre. Uma prateada nobre e filha de uma Grande Casa não deveria manchar os dedos com óleo de motor, quebrar as unhas com ferramentas "emprestadas", ou ficar com olheiras por causa de noites mal dormidas devido a leituras inadequadas. Mas Harrus Jacos esquecia as apreensões sempre que a tela de vídeo na sala de estar entrava em curto e chiava entre fagulhas e imagens distorcidas. *Conserte, Cori, conserte*. Ela obedecia às ordens dele, sempre na esperança de que daquela vez fosse convencê-lo. Mas depois as caras fechadas diante de seus experimentos voltavam, e todo o bom trabalho era esquecido.

Ela estava contente com a viagem do pai à capital para ajudar o tio deles, o senhor da Casa Jacos. Assim ela poderia passar o aniversário com as pessoas que amava. No caso, Julian e Sara Skonos, que viera especialmente para a ocasião. *Cada dia mais linda*, Coriane pensou ao ver a melhor amiga. Fazia meses que elas não se viam, desde que Sara completara quinze anos e se mudara definitivamente para a corte. Na verdade, não era tanto tempo assim, mas a amiga já parecia diferente, mais afiada. As maçãs do rosto destacavam-se cruéis por baixo da pele aparentemente mais pálida do que antes, como se tivesse sido drenada. E os olhos azul-cinzentos, antes estrelas brilhantes, pareciam escuros, repletos de sombras. Mas o sorriso

ainda saía fácil quando estava com os Jacos. *Com Julian, na verdade*, Coriane sabia. E seu irmão era a mesma coisa, cheio de sorrisos, mantendo uma distância que nenhum rapaz sem interesse pensaria em manter. Ele tinha uma consciência precisa dos próprios movimentos, e Coriane tinha uma consciência precisa da presença do irmão. Com dezessete anos, ele já tinha idade suficiente para pedir alguém em casamento, e ela suspeitava que um pedido viria nos próximos meses.

Julian não se dera ao trabalho de embrulhar o presente, que já era belo por si só. Encadernação de couro, com faixas em tom de ouro envelhecido, cor da Casa Jacos, e a coroa flamejante de Norta gravada na capa. Não havia título na frente nem na lombada, e Coriane percebeu que as páginas não traziam nenhum manual técnico, o que a fez torcer um pouco o nariz.

— Abra, Cori — Julian disse, interrompendo-a antes que ela pudesse atirar o livro na modesta pilha com os outros presentes. Todos eram insultos velados: luvas para esconder as mãos "comuns", vestidos desconfortáveis para uma corte que ela se recusava a visitar, e uma caixa já aberta de doces que o pai não queria que ela comesse. Acabariam antes da hora do jantar.

Coriane fez o que o irmão pediu e abriu o livro, encontrando-o em branco. Suas páginas creme estavam vazias. Ela fechou a cara, sem se dar ao trabalho de bancar a irmã agradecida. Julian não precisava desse tipo de encenação, e enxergaria seus sentimentos verdadeiros de qualquer jeito. E o que era melhor: não havia ninguém para lhe dar uma bronca por se comportar assim. *Minha mãe morreu, meu pai está fora, e a prima Jessamine felizmente ainda está dormindo*. Julian, Coriane e Sara estavam sozinhos no solário do jardim, como três pedrinhas se agitando em meio à poeira velha da mansão Jacos. Era um lugar entediante, que combinava com a dor vazia e constante no peito de Coriane. Janelas arqueadas davam

para um canteiro de rosas que não via as mãos de um verde fazia anos. O chão precisava de uma boa varrida e as cortinas douradas estavam cinza de tanta poeira — e provavelmente teias de aranha. Mesmo a pintura pendurada acima da lareira de mármore manchada de fuligem estava sem a moldura de ouro, vendida anos antes. O homem de olhar sério na tela era o avô de Coriane e Julian, Janus Jacos, que certamente ficaria incomodado com a situação da propriedade da família. Nobres empobrecidos, se beneficiando do nome antigo e das tradições, sobrevivendo com pouco e cada vez menos.

A risada de Julian soou como sempre. *Irritação afetuosa*, Coriane sabia. Era essa a melhor expressão para descrever a atitude dele com a irmã mais nova. Tinham dois anos de diferença, e ele sempre fazia questão de lembrá-la de sua inteligência e idade superiores. Com delicadeza, claro. Como se fizesse alguma diferença.

— É para você escrever nele — ele continuou, deslizando os dedos longos e finos pelas páginas. — Ideias, o que você fez no dia.

— Eu sei o que é um diário — ela replicou, fechando o livro com força. Ele não se importou, não se deu ao trabalho de ficar ofendido. Julian a conhecia melhor do que ninguém. *Mesmo quando entendo as coisas errado*. — Os meus dias não merecem muito registro.

— Besteira. Você é bem interessante quando quer.

Coriane sorriu, maliciosa.

— Julian, suas piadas estão melhorando. Será que finalmente encontrou um livro que ensina a ser engraçado? — Ela lançou um rápido olhar para Sara. — Ou alguém?

Enquanto Julian corava, as bochechas ficando azuladas com o sangue prateado, Sara levou na esportiva.

— Sou curandeira, mas não faço milagres — ela disse.

Os três gargalharam, preenchendo o vazio da mansão com um instante de ternura. O velho relógio soou num canto, indicando

que a desgraça de Coriane se aproximava: a prima Jessamine chegaria a qualquer momento.

Julian levantou rápido e alongou o corpo esguio, ainda em transição para o de homem adulto. Ele precisava crescer um pouco, tanto em altura como em largura. Coriane, por outro lado, tinha a mesma altura havia anos, e não dava qualquer sinal de mudança. Ela era comum em todos os sentidos, desde os olhos azuis quase sem cor até o frágil cabelo castanho que teimava em não crescer além dos ombros.

— Você não quer esses, né? — ele perguntou ao estender o braço por cima da irmã. Roubou um punhado de doces açucarados da caixa na pilha de presentes e ganhou um tapinha na mão em resposta. *Que se dane a etiqueta. Os doces são meus.* — Cuidado. Vou contar para Jessamine — ele avisou.

— Não precisa — o sopro débil da voz da prima idosa vinha das colunas da entrada do solário.

Bufando aborrecida, Coriane fechou os olhos desejando que Jessamine Jacos deixasse de existir. *Não adianta fazer isso, claro. Não sou uma murmuradora. Sou apenas uma cantora.* E embora pudesse tentar usar seu exíguo poder contra Jessamine, no fim com certeza se daria mal. Por mais velha que a prima fosse, a voz e o poder dela ainda eram bem afiados, muito mais rápidos que os de Coriane. *Vou acabar esfregando o chão com um sorriso no rosto se a provocar.*

Coriane tentou parecer educada e se voltou para a prima, que se apoiava numa bengala coberta de joias, um dos últimos itens bonitos da casa que pertencia à pessoa mais feia. Jessamine tinha parado de frequentar os prateados curandeiros de pele havia muito tempo, para "envelhecer naturalmente", como costumava dizer. Mas a verdade era que a família não podia mais pagar o tratamento feito pelos mais talentosos da Casa Skonos, nem mesmo pelos curandeiros aprendizes que não pertenciam à nobreza. A pele dela

estava murcha, cinza de tão pálida, com manchas roxas de velhice nas mãos enrugadas e no pescoço. Naquele dia, usava um turbante de seda cor de limão para esconder o pouco cabelo branco que lhe restava, e um vestido esvoaçante combinando. A barra roída por traças estava bem escondida, claro. Jessamine era uma mestra da ilusão.

— Julian, seja um bom rapaz e leve isso para a cozinha, por favor — ela pediu, apontando a unha comprida para os doces. — A criadagem ficará muito agradecida.

Coriane precisou se segurar para não caçoar da prima. "A criadagem" consistia em um mordomo vermelho mais velho que Jessamine que sequer tinha *dentes*, a cozinheira, e duas jovens criadas de quem se esperava a conservação da mansão inteira. Eles deviam gostar dos doces, mas claro que Jessamine não tinha a menor intenção de lhes dar nada. *O mais provável é que os doces acabem na lata de lixo ou guardados em algum esconderijo no quarto dela.*

Julian teve a mesma desconfiança, a julgar pela sua expressão. Mas discutir com Jessamine era tão inútil quanto esperar frutos das árvores na estufa velha e em ruínas.

— Claro, prima — ele disse num tom mais adequado a um funeral. O olhar dele indicava um pedido de desculpas; o de Coriane, um monte de rancor. Com um sorriso sarcástico quase evidente, ela observou o irmão oferecer um braço a Sara e, com o outro, pegar o presente inadequado. Ambos estavam ansiosos para escapar das garras de Jessamine, mas odiavam ter que deixar Coriane para trás. Ainda assim, seguiram em frente e deixaram o solário.

Ótimo, me deixem aqui. É sempre assim. Abandonada com Jessamine, que tomara sobre si a função de transformar Coriane numa filha decente da Casa Jacos. Em outras palavras, uma filha *calada*.

Coriane também era sempre abandonada com o pai, quando ele voltava da corte depois de longos dias à espera de que tio Jared morresse. O chefe da Casa Jacos e governador da região de Ade-

ronack não tinha mais filhos, então seus títulos passariam ao irmão e então a Julian. Os gêmeos, Jenna e Caspian, foram mortos nas Guerras de Lakeland, deixando o pai sem herdeiros diretos — e sem vontade de viver. Era apenas uma questão de tempo até o pai de Coriane assumir o posto, e ele não queria perder tempo. Coriane achava esse comportamento, na melhor das hipóteses, perverso. Não se imaginava fazendo algo assim com Julian, por mais que sentisse raiva dele de vez em quando. Ficar de braços cruzados, observando-o definhar de tanto sofrimento. *Mas não tenho qualquer desejo de chefiar a família, e nosso pai é um homem muito ambicioso, apesar de não ter nenhum tato.*

Coriane não sabia o que o pai planejava fazer depois da ascensão. A Casa Jacos era pequena e insignificante; governava um fim de mundo e tinha pouco mais que o sangue nobre para mantê-los aquecidos à noite. E, claro, Jessamine estava lá para garantir que todos fingissem que não estavam arruinados.

Ela sentou com a elegância de alguém com metade da sua idade, batendo a bengala contra o piso sujo.

— Que absurdo — ela resmungou enquanto observava uma nuvem de pó agitar-se contra um feixe de luz do sol. — É tão difícil encontrar bons empregados nos dias de hoje.

Principalmente quando você não tem condições de pagar, Coriane desdenhou mentalmente.

— Sim, prima, é muito difícil.

— Bom, passe-os pra cá. Quero ver o que Jared mandou — Jessamine disse.

Ela estendeu a mão curvada e começou a abrir e fechar várias vezes, num gesto que fazia a pele de Coriane arrepiar. A jovem mordeu o lábio para não dizer nada de errado. Depois pegou os dois vestidos dados pelo tio e os estendeu sobre o sofá onde Jessamine estava acomodada.

Fungando, a idosa examinou os vestidos dourados como Julian examinava textos antigos. Ela apertou os olhos para reparar bem na costura e no bordado, e passou a mão pelo tecido para arrancar fios soltos invisíveis.

— Dignos — ela disse depois de um longo tempo —, embora ultrapassados. Nenhum é da última moda.

— Que surpresa — Coriane não conseguiu conter as palavras.

Um baque: a bengala golpeia o chão.

— Nada de sarcasmo. Não convém a uma dama.

Bom, todas as damas que conheço parecem bem versadas nele, incluindo você. Se é que posso chamá-la de "dama". Na verdade, já fazia pelo menos uma década que Jessamine não ia à corte real. Ela não tinha ideia de qual era a última moda e, quando bebia muito gin, não conseguia nem lembrar quem estava no trono. "Tiberias VI? Ou Tiberias V? Não, ainda estamos no Tiberias IV, com certeza. Aquele velho insiste em não morrer." Coriane enfim lembrava a prima delicadamente de que o país era governado por Tiberias V.

O filho dele, o príncipe herdeiro, se tornaria Tiberias VI quando o pai morresse, embora seu famoso gosto pela guerra fizesse Coriane se perguntar se ele viveria o bastante para usar a coroa. A história de Norta estava marcada por ardentes da Casa Calore morrendo em batalha, sobretudo primos e príncipes não herdeiros. Coriane desejava secretamente que o príncipe morresse, só para saber o que aconteceria. Ele não tinha irmãos, e os primos Calore eram poucos, para não dizer fracos, se as aulas de Jessamine eram confiáveis. Havia um século que Norta lutava contra Lakeland, mas com certeza uma guerra interna estava no horizonte. Uma guerra entre as Grandes Casas, para que outra família tomasse o trono. Não que a Casa Jacos fosse ter algum envolvimento nisso. A insignificância deles era uma constante, assim como a prima Jessamine.

— Bom, pelas mensagens do seu pai, esses vestidos vão ser usa-

dos logo — Jessamine prosseguiu enquanto deixava os presentes de lado. Sem se preocupar com o horário ou com a presença de Coriane, ela sacou uma garrafa de gin do vestido e tomou um gole generoso. O aroma se espalhou pelo ar.

Franzindo a testa, Coriane levantou os olhos das mãos, ocupadas em apalpar as luvas novas.

— O tio não está bem? — ela perguntou.

Outro baque da bengala.

— Que pergunta idiota. Ele está mal há anos, como você sabe muito bem.

O rosto da jovem corou num tom prata intenso.

— Quis dizer "pior". Ele está *pior*?

— Harrus acha que sim. Jared se enfurnou em seus aposentos na corte e raramente participa dos banquetes sociais, muito menos das reuniões administrativas ou do conselho dos governadores. Ultimamente seu pai desempenha as funções dele cada vez mais. Isso sem falar da aparente determinação que seu tio tem em sugar todo o cofre da Casa Jacos. — Outro gole de gin. Coriane quase riu da ironia. — Quanto egoísmo.

— É muito egoísmo mesmo — a jovem balbuciou. *Você não me desejou feliz aniversário, prima*. Mas ela não insistiu no assunto. Doía ser chamada de ingrata, mesmo que por uma sanguessuga.

—Vejo que ganhou mais um livro de Julian. Ah, e luvas! Ótimo, Harrus aceitou minha sugestão. E Skonos, o que ela trouxe para você?

— Nada.

Ainda. Sara tinha dito que o presente dela era algo que não podia ser amontoado com os outros.

— Nenhum presente? E mesmo assim ela vem aqui, come nossa comida, ocupa nosso espaço…

Coriane se esforçou para deixar as palavras de Jessamine voa-

rem pelos ares para bem longe, como nuvens num dia de ventania. Para isso, concentrou-se no manual que tinha lido na noite anterior. *Baterias. Cátodos e ânodos. Os de uso primário são descartados, os secundários podem ser recarregados…*

Baque.

— Sim, Jessamine?

A velha encarava Coriane de olhos arregalados, a irritação estampada em cada uma de suas rugas.

— Não faço isso em benefício próprio, Coriane.

— Bom, com certeza também não é em benefício *meu* — ela sibilou, sem poder se segurar.

A resposta de Jessamine foi uma gargalhada tão seca que a saliva podia sair em pó.

— Bem que você gostaria, não é? Acha que sento aqui com você, aturando suas gozações e sua amargura por diversão? Ponha-se no seu lugar, Coriane. Faço isso única e exclusivamente pela Casa Jacos, por todos nós. Sei quem somos melhor do que você. E lembro como éramos antes, quando morávamos na corte e negociávamos tratados, tão indispensáveis para os reis Calore quanto a chama que eles sempre levam consigo. *Eu lembro*. Não existe dor ou castigo maior do que a memória.

Ela virou a bengala na mão, contando as joias que polia todas as noites. Safiras, rubis, esmeraldas e um único diamante. Dadas por pretendentes, amigos ou parentes; Coriane não sabia. Mas eram o tesouro de Jessamine, e os olhos dela reluziam como aquelas pedras.

— Seu pai vai ser o senhor da Casa Jacos, e seu irmão depois dele. Por isso você precisa arranjar seu próprio senhor. A não ser que queira ficar aqui para sempre.

Como você. A conclusão era clara e, por algum motivo, Coriane foi incapaz de superar o súbito nó na garganta e responder. Só

conseguiu balançar a cabeça. *Não, Jessamine, não quero ficar aqui. Não quero ser como você.*

— Muito bem — Jessamine disse. Mais um baque da bengala. — Vamos começar o dia.

Mais tarde, já à noite, Coriane sentou para escrever. A pena corria pelas páginas do presente de Julian, jorrando tinta como uma faca espirra sangue. Coriane escreveu sobre tudo. Jessamine, o pai, Julian. A sensação terrível de que o irmão a abandonaria para enfrentar sozinho o furacão que estava por vir. Ele tinha Sara agora. Ela tinha flagrado os dois se beijando antes do jantar, e apesar de sorrir, de fingir um riso, de fingir achar graça ao ver os dois envergonhados, gaguejando explicações, no fundo Coriane tinha ficado desesperada. *Sara é minha melhor amiga. Sara é a coisa que pertence a mim.* Só que não era mais. Assim como Julian, Sara ia se afastar, até que só restasse a Coriane a poeira de uma casa e de uma vida esquecidas.

Porque não importava o que Jessamine dissesse, o quanto ela se envaidecesse e mentisse sobre as supostas perspectivas de Coriane. Não havia o que fazer. *Ninguém vai casar comigo. Pelo menos ninguém com quem eu queira casar.* Ela já havia perdido as esperanças e aceitado a situação. *Jamais sairei daqui*, escreveu. *Estas paredes douradas serão meu túmulo.*